

A terra entre o sagrado e o profano



Rose estava encolhida numa manta xadrez colorida com a cuia de chimarrão presa entre as mãos frias. Olhava em volta e lembrava dos momentos iniciais das lutas pela terra.

Os meninos estavam brincando em volta do fogo e os amigos Rodolfo e Mena tocavam sanfona e viola. Era uma sensação de paz que não sentia havia muito tempo. Desde as lutas na Encruzilhada do Natalino, quando enfrentaram a repressão comandada pelo major Curió, muita coisa havia mudado em seu modo de entender e valorizar a vida. Sabia que em outros lugares muitas pessoas lutavam como ela e seu marido. Isso lhe dava muita coragem. Em Chiapas e no Vale Sagrado dos Incas, muitos camponeses estavam vencendo a exclusão pela união de todos numa mesma causa: estavam juntos produtores rurais, camponeses e pequenos proprietários, organizados em cooperativas e unidos pela fé. Para ela, a Igreja tinha sido uma grande aliada. Desde o final da década de 70, os padres e agentes pastorais começaram a falar num novo espírito de lutas que uniu camponeses, nativos e posseiros com suas formas particulares de viver num sentido comum. Para eles, Cristo, exemplo de amor e fé, tinha sido pobre e lutado contra as injustiças e a opressão em seu tempo.

Assim, passaram a entender o que o padre dizia: o Reino de Deus deveria começar aqui na terra e, para que isso ocorresse, todos deveriam colaborar, lutando pela justiça e desenvolvendo um espírito humanista em consonância com Seus desígnios.

- João, você sabia que o verdadeiro sentimento cristão é aquele que se volta contra os exploradores? – perguntou Rose ao marido, que estava distraído.
- Do que você está falando, mulher?
- Do sermão do padre Fritzen. Ele contou que os camponeses do Peru conseguiram tomar as terras dos latifundiários no Vale Sagrado. É uma pequena área próxima ao rio Urubamba, que deságua no Amazonas. Nessa região, as comunidades e as cooperativas produzem o trigo e o milho que abastecem todos os camponeses e suas famílias, e o que sobra é vendido.

Os camponeses peruanos estão lutando há muito tempo – disse o marido. – Eles já lutavam contra os espanhóis que os expulsaram das terras. Conheci Hugo Blanco, um líder socialista que dirigiu o movimento dos sem-terra do Peru, nos idos de 1950.

Mas naquele tempo a Igreja não pensava assim – disse Rose.

É verdade, foi depois das reuniões de bispos da América Latina em Medellín e Puebla que a Teologia da Libertação passou a ser difundida.

Mais que isso, ela foi criada aqui. Lembra das reuniões da igreja, dos movimentos das pastorais?

Como não lembrar. Foi na igreja que fomos parar quando o governo alagou nossas terras. Ficamos sem terras e sem indenização. Bah! que tempo duro! Os homens chegaram dizendo que as terras da comunidade e as dos Nonoai iam ser alagadas para fazer a barragem Passo Real!

Como essas lembranças abalavam a mulher. Perdera tudo. Os parentes foram para Mato Grosso, Rondônia ou Acre. Muitos morreram de malária. Outros ficaram nas estradas como pedintes. A mãe de Rose não agüentou ser pedinte, sem-terra, e a saudade dos filhos. Morreu de tristeza.

Agora já podemos contar com muitos outros camaradas que se juntaram ao movimento – disse Rose. – Vamos ficar cada dia mais fortes.

Fátima, a filha de Mena, conhecera um grupo grande de sem-terra que, com apoio da diocese de Passo Fundo e Chapecó, lutou no Natalino e foi ocupar as fazendas Ronda Alta e Nonoai. Aí, com muita organização, tinha nascido um movimento de sem-terra que, pela primeira vez, expandia-se pelo Brasil, coordenado e com muito apoio internacional. Fizemos muitas ocupações e com isso os assentamentos rurais têm crescido muito – afirmou alegre.

Aqui no Sul a luta está mais forte. Mas as de São Paulo e do Nordeste ainda precisam de muita organização para que os assentados sobrevivam das terras – prosseguiu Fátima.

É certo, mas já temos muito apoio, e isso é importante. Não estamos tão sozinhos. Hoje, nosso movimento é conhecido em diversos países e recebemos recursos de muitas organizações – retrucou João.

Rose tinha muito interesse em saber como os sem-terra de outros países se organizavam. Foi por isso que comemorou com mais alegria o dia 1 de janeiro de 1994. A notícia que se espalhou pelo mundo era muito especial. Em Chiapas, na região mais pobre do México, os camponeses tinham se rebelado contra os proprietários, tomado as terras e iniciado um movimento de resistência que relembrava a Revolução Mexicana.

João queria saber como os camponeses haviam se ligado ao subcomandante Marcos. Fátima contou que, quando se revoltaram, os zapatistas, grupo político constituído pelo Exército Zapatista de Libertação Nacional, seguiram para a serra de Chiapas e tomaram,

- por meio da guerrilha, algumas municipalidades como Morelia, na região de Las Margaridas. Nessas áreas, as mulheres dirigiam o movimento camponês e não só conseguiram eliminar o alcoolismo, como desenvolver um forte espírito comunitário entre todos.
- Os zapatistas, como nós, enfrentam as violências dos proprietários, que contratam capangas para assassinar os líderes do movimento – disse Rose.
 - Não apenas lideranças, mas os acampados de áreas devolutas ou de rodovias. O massacre de Eldorado dos Carajás não pode ser esquecido. Foram dezenove assassinados e cinquenta e sete feridos – completou o marido.
 - Dom Pedro Casaldáliga e dom Thomás Balduino, de Conceição do Araguaia e de Goiás Velho, também atuaram de modo muito enérgico perante o governo quando do massacre de Corumbiara, não é Rose?
 - É, João, a luta no Brasil está espalhada por todo o país, mas a violência envolve tanto os capangas como a polícia militar, que age em favor dos coronéis e dos grileiros. Estes, por sua vez, aproveitam-se da impunidade garantida pela omissão da Justiça, da cooperação de parte da polícia e da tolerância do governo – falou a mulher.
 - Isso tende a mudar, minha prenda! Somos muitos denunciando a concentração de terras e de rendas. Somos muitos apoiando as escolas rurais e as cooperativas. Até as populações urbanas estão conosco. Já temos movimento em todos os estados da Federação.
 - Mas, João, de certo modo, os deslocamentos populacionais de sem-terra acabaram formando outro sentimento de solidariedade entre os homens do campo. Isso não aconteceu com a reunião de desempregados urbanos para retornar às terras. Muitos do movimento entendem o que nos uniu, mas, como os desempregados ou subempregados urbanos têm mais dificuldades em lidar com a terra, as pessoas nos acusam de estar apenas formando um grupo político – disse Fátima.
 - Sabe, Rose, o padre Fritzen diz que, se todos os pobres do continente se unirem, teremos um novo Reino de Deus.
 - Ou o dos homens mesmo – ironizou Rose, que considerava Fátima muito carola. – Os pobres do mundo são a maioria. O subcomandante Marcos noticiou o conflito de Chiapas pela Internet e recebeu apoio do mundo todo.
 - Temos de juntar os camponeses da Colômbia, do Equador e da Bolívia e organizar a luta em todos os lugares – disse João.
 - Os pobres das cidades também precisam se organizar – exclamou Fátima.
 - Poucas pessoas muito ricas e a maioria sem nada. Não dá para ser feliz num mundo assim – ponderou Rose.

Terminou de tomar o mate e olhou o céu estrelado e claro. Mandou uma mensagem para a mãe.

- Mãe – disse em voz baixa, – nossa luta vai ser lembrada por todos os meninos que puderem ser crianças com terra!
- Amém – responderam Fátima e João.

FOTO Ocupação da fazenda Giacometti pelo Movimento Sem-Terra, Paraná, 1996.

MAPA n. 7 Assentamentos rurais no Brasil.

LIVROS FERNANDES, Bernardo Mançano. *MST – Formação e territorialização*. São Paulo: Hucitec, 1996 ■ LINHARES, Maria Yedda e SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. *Terra Prometida – Uma história da questão agrária no Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1999 ■ MARTINS, José de Souza. *O cativo da terra*. São Paulo: Hucitec, 1986 ■ _____. *Os camponeses e a política no Brasil*. Petrópolis: Poli/Vozes, 1989 ■ PRADO JR., Caio. *A questão agrária no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1981 ■ STÉDILE, J. P. e GORGEN, F. S. *A luta pela terra no Brasil*. São Paulo: Scritta, 1993.

FILMES *Terra para Rose* (1986, Tete Moraes) ■ *Canto da Terra* (1991, Paulo Rufino) ■ *Cabra marcado para morrer* (1984, Eduardo Coutinho).

A LUTA PELA TERRA

O MOVIMENTO SEM-TERRA

Organizado desde 1984, o Movimento Sem-Terra (MST) coordena as lutas de camponeses, trabalhadores rurais, posseiros expulsos, aborígenes que perderam as áreas ocupadas. São homens, mulheres e crianças deserdados da terra e que se movem em busca de espaço territorial onde possam implementar suas atividades produtivas, agregar suas famílias e sobreviver com dignidade. Essas lutas tiveram origem na longa trajetória dos conflitos fundiários no país, que podem ser remontados ao período colonial.

Evidentemente, o sentido da terra como domínio e poder, implementado pela Coroa portuguesa no século XVI, com o sistema de Sesmarias, não é reconhecível hoje, mas ainda as concentrações fundiárias são possíveis por serem elas detentoras de renda fundiária (valorizam-se sem trabalho) e moeda de troca dos coronéis e da política de favor. Portanto, por intermédio do *dominium* sobre a terra, compram-se votos e determina-se poder.

Também pode-se relacionar a essa estrutura a existência da escravidão, de tal forma que, muitas vezes, o tamanho das terras foi determinado pelo número de escravos que tivesse o proprietário. Daí a díade latifúndio-escravidão que marcou, ao longo de quase quatro séculos, a história do país.

O tema da reforma agrária foi desse modo central nas lutas pela transformação do sistema colonial e pela democratização do Brasil, sendo considerada bandeira de conteúdo subversivo e reprimida ao longo desse processo histórico.

Foi, entretanto, a partir da década de 1950, que a questão agrária se tornou um problema central nas lutas sociais, em razão da existência de um movimento de ocupação da terra, pela guerra de guerrilha em Porecatu, no Paraná. Aí, por dez anos, a ocupação foi garantida pelas armas, culminando em 1950, com a titulação das terras a seus ocupantes, como uma verdadeira reforma agrária.

As lutas avançaram e o Partido Comunista Brasileiro enviou seus militantes a outros pontos de conflitos fundiários para ampliar as conquistas das terras. Assim, de 1951 a 1964, camponeses e posseiros organizaram as lutas em Trombas e Formoso, em Goiás. Com autonomia, ocuparam as terras, mas não conseguiram seus títulos, uma vez que foram impedidos de permanecer na área pelo golpe militar de 1964.

Também no período do golpe o Movimento dos Agricultores Sem-Terra (MASTER), que lutava por manter áreas de pequenas e médias propriedades no Rio Grande do Sul, perdeu a força, assim como foi reprimido o Grupo dos Onze, milícias armadas que deveriam implementar as lutas rurais.

O MST, portanto, representa essa memória camponesa, mas nasce em outro quadro político e social. Com o golpe, as lutas mediadas pelos partidos de esquerda entraram em refluxo, e a Igreja católica passou a ser uma mediadora entre os excluídos e o Estado. A alteração nos procedimentos da Igreja com a sensibilização para os problemas sociais e a Teologia da Libertação permitiram um novo pacto que seria decisivo no apoio aos ocupantes da Encruzilhada do Natalino, acampamento que reuniu 1.500 famílias de sem-terra no Rio Grande do Sul, entre Ronda Alta e Passo Fundo, culminando com a organização do MST.

Hoje, presente em todos os estados da Federação, o movimento edita um jornal, uma revista e tem um banco de dados sobre os assentamentos rurais existentes em todo o país. Além disso, produz um conjunto de mercadorias com o selo Sabor da Terra e já pode apresentar os resultados, positivos e negativos, desses quinze anos de lutas.

Ao demonstrar os resultados de sua ação, ele possibilita a análise das estratégias das ocupações, articuladas a uma disputa do fundo público (financiamentos de máquinas, sementes e uma política de juros especiais), garantindo a eficácia das relações entre o movimento e o governo. Além disso, os problemas regionais e as diferenças culturais entre os vários grupos sociais que compõem o movimento permitem verificar as múltiplas maneiras de lidar com a questão produtiva, de tal modo que a relação da produção com o mercado e a da agricultura com a indústria aparecem em muitos casos. Mas há muito o que fazer, já que o movimento é uma pequena ponta do grande processo de exclusão existente no Brasil.

Em 1º de janeiro de 1994, eclodiu na serra de Chiapas um movimento de protesto de camponeses que ocupou três povoados no sul do Estado, declarando-os zonas liberadas, e os principais prédios públicos existentes. Imediatamente, o movimento Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), de base comunista, ativo no país desde os anos 40, encaminhou-se a Chiapas e passou a apoiar as lutas camponesas, oferecendo-lhes orientação política e tecnológica, ao mesmo tempo que procurava evitar seu isolamento pelas forças repressoras do governo. A reação se deu pela ação violenta de forças paramilitares contra as comunidades indígenas (grupo Mia, com predominância tzotzil), as que têm menor domínio do espanhol e, desse modo, maior dificuldade em defender suas terras, por desconhecerem os trâmites das leis. A região é rica em petróleo e gás, estando os grupos econômicos articulados ao NAFTA interessados em sua exploração privada contra a população que aí vive. Os rebeldes apresentaram ao governo local uma extensa pauta de reivindicações, entre as quais o ensino bilíngüe, o uso das terras comunais e a aprovação dos habitantes em caso de interesse na exploração do subsolo das terras ocupadas.

A coordenação do movimento foi assumida pelo subcomandante Marcos, membro do EZLN que, através da Internet, comunicou-se com o mundo, recebendo ajuda, apoio e noticiando os acontecimentos de Chiapas, apesar dos mecanismos de controle e da censura governamental.

Os conflitos em Chiapas reinstauraram os elos de solidariedade entre os grupos indígenas e camponeses na América Latina, aproximando seus representantes no Brasil, Peru, Bolívia e México.